

O PIOLHO, A PULGA E SEUS EXCREMENTOS: UM RELATO SOCIAL MODERNO E CONTEMPORÂNEO, INSPIRADO NA OBRA DO SÉCULO XIX O PIOLHO VIAJANTE

Tatiane Carvalho Nascimento¹

Orientadora: Prof. Dra. Carla Patrícia

Resumo: O objetivo desta pesquisa é refletir sobre as alegorias dos aspectos morais da sociedade portuguesa na obra “O Piolho Viajante”, identificar as representações de valores, costumes, hábitos e comportamentos da época através de cenas, situações e tipos ou personagens. Como também relacioná-los com a sociedade atual na pretensão de conhecer mais sobre traços culturais contemporâneos e denunciá-los através da construção de uma produção literária, que trará um piolho português do século XIX e uma pulga brasileira do século XXI, na qual ambos excretam as sujeiras sociais em um diálogo com as teorias estudadas. O corpus para análise será a leitura das 72 “carapuças”, ou capítulos correspondentes à vida das pessoas cuja cabeça o piolho narrador visita e comenta. Entre as questões a serem investigadas estão: como O Piolho Viajante tornou-se um sucesso entre as camadas populares? Porque a obra foi considerada como literatura marginal pela elite letrada da época? Porque foi uma das obras mais lidas no Brasil no período de 1808 a 1826?

Palavras-chave: Piolho. Literatura marginal. Moral. Rizoma.

INTRODUÇÃO

Segundo Luís Antônio Contador Romano, em seu artigo *Viagens e Viajantes: Uma Literatura de Viagens Contemporâneas* o pensador alemão Hans Magnus Enzensberger (1985) no ensaio *Uma Teoria do Turismo* (1958), afirma que as pessoas sempre viajaram, pois nos textos imaginários ou supostamente reais, antigos, há referências sobre viagens.

As histórias de viagens, até inícios do século XIX tinham uma motivação relacionada a fins práticos, religiosos ou comerciais. A intenção das viagens começa a mudar, segundo Romano, a partir do século XVI, quando os empreendedores individuais, aventureiros ou eruditos passam a viajar sem obrigações.

Em meados do século XIX surgem excursões por lugares exóticos e o serviço turístico em pacotes. O que a diferencia do turismo de viagem tradicional, no qual o deslocamento do viajante era por alguma necessidade, para fins comerciais, políticos ou religiosos.

De acordo com Romano, para Enzensberger, o “turismo” é uma forma relativamente recente de viajar. O turista almeja ao mesmo tempo, o comum e o incomum, mas sem correr riscos. Por outro lado, a viagem dos exploradores renascentistas, embora planejadas, comportavam riscos diante do desconhecido. Para Romano, na aventura idealizada, o viajante poderá também modificar a si mesmo, enquanto que o turista almeja apenas uma pausa relaxante.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. E-mail: tatycarssa@hotmail.com.

Cristóvão (2002), em “Teoria da Literatura de Viagens”, propõe cinco categorias de literatura de viagem aos viajantes tradicionais: Viagem de peregrinação, onde o peregrino se desloca em busca do divino; viagem de comércio; viagem de expansão que se subdividem em expansão da fé, política e científica; viagem erudita de formação ou serviço e viagem imaginária, categoria pertencente ao “O Piolho Viajante”. Cristóvão, diz que, na narrativa da viagem real, a estrutura é feita na verdade, com elementos imaginários e na narrativa da viagem imaginária, a estrutura é feita com base no imaginário, com elementos reais.

Mas, o que é a Literatura de Viagem? Segundo Romano, para Cristóvão a literatura de viagens é como um subgênero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos misturam Literatura com História e Antropologia, indo à busca da viagem real ou imaginária (por mar, terra ou ar), temas, motivos e formas. Os textos da literatura de viagens são interdisciplinares, pois passeiam pela história, antropologia e ficção, revelando um olhar do viajante que configura uma imagem sobre o espaço e a cultura do outro.

A literatura de viagem é, portanto um grande acervo de conhecimento que não deve ser desprezado, pois independente de seu rico conteúdo criativo e imaginário, ela é carregada de informações que servem aos estudos das ciências em todos os sentidos.

O PIOLHO VIAJANTE

Na obra de Manuel Policarpo da Silva, intitulada *O Piolho Viajante*, o piolho “viaja” pela cabeça de 72 hospedeiros para contar ao leitor sobre o que se passa nela e no dia-a-dia dos seus donos. Dessa forma, é possível perceber os tipos sociais existentes na sociedade portuguesa da época e os diversos elementos que ajudam nas suas caracterizações.

A obra, portanto não se trata apenas de um importante documento de estudo para a literatura em relação aos debates em torno do romance, gênero de formas e temáticas que pareciam escapar às tentativas de classificação por parte da crítica, e que para muitos estudiosos constituía influência negativa para os leitores. Ela é um acervo riquíssimo de contribuição para as ciências humanas e para os estudos da crítica, como também, serve de instrumento para compreensão da própria sociedade, através do olhar para o “outro” que não é tão diferente de “nós”, levando em consideração as influências culturais também herdadas dos portugueses.

Porém, a Literatura de Viagem não foi bem vista pela sociedade portuguesa no século XIX, incluindo, *O Piolho Viajante*, na categoria “viagem imaginária”, por possuir na base de seu relato uma história imaginária, composta de elementos reais.

Nos séculos XVIII e XIX com a influência do pensamento racional, em que achavam que deviam ler tudo apenas com os olhos críticos, as narrativas de viagens passaram então a ser substituídas por “verdades” científicas. De um lado, os textos considerados “sábios” baseados na razão científica e do outro todas as outras formas de literatura, inclusive as dos viajantes, vistos como “ingênuos” e “grosseiros”. A Literatura de Viagens que não obedecia à regra literária da época passou a ser considerada pela elite literária, como literatura marginal e secundária.

A obra foi publicada em folhetos semanais ou mensais; escrita sem preocupação de estilo, ligeira e popular; preenchia o tempo ocioso dos leitores, divertia, criticava os costumes, orientava gostos e preferências; foi muito bem recebida pela população.

Dois autores de destaque na época foram: José Daniel Rodrigues da Costa e António Manuel Policarpo da Silva. Este último escreveu *O Piolho Viajante*, que se tornou o texto mais conhecido pelo povo português. Escreveu também, *O Manifesto dos Espanhóis ao povo de Andaluzia e Leituras Úteis e Divertidas Traduzidas em Vulgar*, segundo, o professor de Literatura Portuguesa na Universidade de Salamanca, João Palma Ferreira (1973).

O autor, no prólogo de sua obra, deixa evidente para quem escrevia: “Os meus escritos são, por ora, para gente pobre, gente que não tem medo de um piolho”.

A escolha da linha de pesquisa *Margens da Literatura*, portanto, tem relação com a discriminação literária feita à obra *O Piolho Viajante* pela hegemonia letrada do século XIX, enquadrando-a como literatura marginal. E abre uma discussão crítica, sobre as modificações dos conceitos literários ao longo dos anos. O que antes poderia ser considerado inferior, hoje corresponde a um trabalho relevante para a ciência e para a arte.

O Piolho Viajante é um testemunho histórico, social e cultural da vida portuguesa. O piolho fofoca, escandaliza, dá visibilidade às sujeiras cotidianas, dá movimento ao que se esconde, ao imperceptível e inquestionável. Ele é um filósofo: problematiza as questões, e dá visibilidade ao que não possui; um artista: dá forma a algo que não existia e quebra a série de dominação; um cientista: implode o contínuo oferece novas percepções e afetos. Um elemento rizomático, segundo a ideia de Guilles e Deleuze (1995), aquele que abala a estrutura, que desconstrói para reconstruir a partir do vazio. Um pensador além de sua época, um crítico cultural.

A escolha de um “piolho” como personagem principal possui um sentido profundo, significados e coerência. Um ser pequeno, “insignificante”, que conhece de perto a sujeira social e causa incômodo. Um elemento indesejado, mas que não deixa de existir e voar de cabeça em cabeça, fuçando a vida alheia e expondo-a. O que tem um sentido aproximado da “Mosca na Sopa” de Raul

Seixas, em relação a um “pequeno” ser que tem o poder de incomodar toda uma estrutura “superior”. “Eu sou a mosca que pousou em sua sopa, eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar, eu sou a mosca que perturba o seu sono, eu sou a mosca no teu quarto a zumbizar”.

O autor, um ser discriminado na literatura e insignificante como um piolho, mas que causa um desconforto tão grande quanto o tamanho de sua pequenez. Ele exerce a função de cientista, crítico e comunicador de suas experiências, observações e interpretações. Seu interesse é o de registrar, causar reflexão crítica e provocar os leitores, ao mesmo tempo em que os diverte. Relata através de uma linguagem lúdica e divertida, sem abrir mão da ironia, do humor, da crítica e do sarcasmo.

Policarpo, não se contém em descrever o hábito, costume, habitação, profissão, gênero, alimentação, relacionamento, educação, moral, etnia e crença do povo. Como também, a higiene, vícios, violência, humilhações, jogos de interesses, mentiras, desigualdades, furtos, malandragem, ambições, favorecimentos, injustiça, corrupção, censura, discriminação, preconceito, entre outros comportamentos ligados ou não à moral social portuguesa do século XIX. Eles são excretados a todo instante. Um retrato da cultura, economia, política e educação predominantes na sociedade da época. Um exercício interessante para perceber e relacionar o que era considerado “normal” e “rejeitado” com os conceitos atuais.

Ele utiliza a língua como espaço de significação, reconhecimento de si e do outro através de suas narrativas, faz o uso da linguagem para expor o seu discurso, politiza o simbólico, como explora Giorgio Agamben no texto *Infância e História* no ensaio sobre destruição da experiência. Ele produz a sua própria linguagem para falar com o mundo, a linguagem portanto, ultrapassa a forma, o que tem relação direta com o pensamento de Jacques Derrida.

Mas, o que o Piolho Viajante possuía de tão interessante para se tornar uma obra de tanto sucesso entre as camadas populares? Porque se tornou um dos livros mais lidos no Brasil no período de 1808 a 1826? O que fez com que se tornasse um dos títulos mais enviados, na época, de Portugal para o Brasil a pedido de livreiros e particulares? Porque o autor faz uso de pseudônimo? Porque não se expor socialmente? Assim, para responder a essas questões recorrerei a Michel Foucault, e a seus estudos sobre a noção de autor.

O Piolho coçou milhares de cabeças portuguesas, com os fatos “minúsculos” e importantes. Aqui se faz necessário à abordagem sobre o conceito de cultura, para compreender melhor como funcionam as relações de poder em uma sociedade, seus mecanismos de manutenção e rompimento, a atribuição de valores simbólicos por indivíduos e/ou instituições, como e porque são perpetuados. Como se dá o estabelecimento de regras e convenções. Essa discussão sobre cultura

será trazida por John B. Thompson (1995) para situar o papel que a literatura marginal ocupou, e quais estratégias de legitimação e manutenção eram utilizadas pelas instituições legais.

O objetivo desse trabalho, portanto é refletir sobre a crítica a aspectos morais da sociedade portuguesa alegorizados na obra do século XIX *O Piolho Viajante*, identificando as representações de valores, costumes, hábitos e comportamentos da época através de cenas, situações e tipos ou personagens, como também relacioná-los com a nossa sociedade com a pretensão de conhecer mais sobre os costumes e valores contemporâneos e denunciá-los através da construção de um produto final, que terá como protagonistas, um piolho (representante da sociedade portuguesa do século XIX) e uma pulga (representante da sociedade contemporânea), que excretam as sujeiras sociais em diálogo com as teorias estudadas. Entre os objetivos específicos estão: contextualizar a sociedade portuguesa; relacioná-la com a obra e situá-la; operar uma crítica à cultura contemporânea a partir da obra; produto final, construção de uma obra literária.

O material para a condução dessa pesquisa reflexiva será obtido através de fontes bibliográficas, tais como livros, teses, artigos que tenham relação com a proposta temática e principalmente textos antigos. Com a pretensão de analisar a obra, problematizá-la e enlaça-la com a crítica cultural.

O *corpus* para análise será a leitura das 72 “carapuças”, ou capítulos correspondentes à vida das pessoas cuja cabeça o piolho narrador visita e comenta. Foi reunida em folhetos em 1821, mas já havia sendo publicada desde 1802. Foram reeditados em 1837, 1846 e 1857. Enviados ao Brasil, por solicitação de Simão Taddeo Pereira, no ano seguinte ao lançamento em Portugal. E parecem ter alcançado sucesso de público semelhante ao de Portugal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o contato com textos de Agamben (ANO), Derridá (ANO) e Deleuze (1995) surge então, a ideia de criar algo que possa acrescentar um novo formato à produção acadêmica. Uma criação em homenagem a obra “*O Piolho Viajante*”, tão rica, porém marginalizada em sua época. Uma forma de dar visibilidade à literatura marginal do século XIX, que presenteia a academia com seu vasto conhecimento cultural. Além de oferecer elementos que colaboram com a reflexão em relação à sociedade brasileira contemporânea, e dar inspiração e fôlego para a releitura de conceitos e valores predeterminados, na tentativa de dar vida ao que já não se sustenta mais. Como também, levar a produção à “periferia”, para além dos muros acadêmicos. Promover o encontro entre a “literatura marginal” e a sua “margem”.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *História e infância*. Trad. Vinicius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: 34, 1995, p. 7 – 37.

FOUCAULT, Michel. Genealogia e poder. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal. 1979.

THOMPSON, John B. *Capítulo III. O conceito de cultura* In: *Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 163-215.

<http://arrugamao.blogspot.com.br/2011/07/o-piolho-viajante-o-cao-e-os-caluanadas.html>

<http://arpose.blogspot.com.br/2010/01/o-piolho-viajante.html>

<http://www.unicamp.br/iel/memoria/MargensdoCanone/Piolho/index2.htm>

<http://www.ifch.unicamp.br/graduacao/anais/Leonardo%20Meliani%20Velloso.pdf>

<http://www.brasiliana.usp.br/node/1062>

<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL10B-Art3.pdf>

<http://www.usp.br/revistausp/41/14-fernando.pdf>

http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_livros_de_viagens_ou_literatura_de_viagem.htm

<http://www.unicamp.br/iel/memoria/>

<http://www.unicamp.br/iel/memoria/MargensdoCanone/Piolho/autor.htm>